



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL

Loyde Cardoso Santos

**Além da Superfície das Coisas: O Desenvolvimento do Liberalismo
no Brasil do Século XIX nos Contos Entre Santos e A Parasita Azul
de Machado de Assis**

Brasília (DF), junho de 2014.

Loyde Cardoso Santos

**Além da Superfície das Coisas: O Desenvolvimento do Liberalismo
no Brasil do Século XIX nos Contos Entre Santos e A Parasita Azul
de Machado de Assis**

Monografia apresentada ao
Departamento de Teoria Literária e
Literatura – TEL na Universidade de
Brasília para obtenção do título de
bacharel em Letras Português: Língua
Portuguesa e Respectiva Literatura,
sob orientação da Prof.^a Dra. Adriana
de Fátima Barbosa Araújo.

Brasília (DF), junho de 2014.

Dedico este trabalho à minha mãe, Ana Cardoso, que é minha grande amiga e incentivadora em todos os momentos.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois d'Ele vem toda boa dádiva e todo dom perfeito. N'Ele encontrei refugio e socorro em tempo oportuno, e a capacitação necessária para vencer todos os desafios que me foram propostos;

À minha mãe, que supriu as minhas necessidades quando meus esforços não poderiam ser suficientes. Agradeço imensamente pelo seu esforço em me proporcionar o melhor, e por me corrigir quando necessário;

À minha tia Madá, que sempre ora por mim e está sempre disposta a discutir os assuntos que para mim são relevantes. Obrigada por ser uma grande entusiasta dos meus sucessos;

À professora Adriana que, sempre muito gentil, aceitou me orientar em mais esse desafio, e desde a primeira aula, já há algum tempo, revelou-se um exemplo de humildade e compromisso que dão brilho extra a seu êxito como professora.

Pois o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. [...]
I Timóteo: 6: 10

RESUMO

Este trabalho consiste na análise de dois contos de Machado de Assis – Entre Santos e A parasita Azul – e procurou evidenciar como a realidade econômica e social do Brasil à época refletiu-se nessas obras. Estudamos como as metáforas e imagens de cunho econômico que aparecem em Entre Santos e, posteriormente, em Dom Casmurro, denunciam a engrenagem que faz funcionar uma sociedade movida pelo Capital, assim como foi possível apreender o processo de reificação das relações humanas na figura do avaro Sales de Entre Santos. A leitura de A Parasita Azul, e a compreensão dos recursos estéticos do qual Machado lançou mão, levou-nos a uma compreensão mais ampla do processo pelo qual o liberalismo foi sendo absorvido pela sociedade brasileira do século XIX mesmo em condições históricas, sociais e econômicas tão peculiares como aqui eram encontradas. Nessa perspectiva, evidenciou-se também a questão do favor como uma mediação importante no desenvolvimento do capitalismo no país, e que não ficou de fora da análise profunda que Machado faz da sociedade de seu tempo através de sua obra literária.

Palavras-chave: Liberalismo, Brasil, dinheiro, favor, Machado de Assis.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Além da Superfície das Coisas em Entre Santos.....	4
1.1. O Dinheiro em Entre Santos de Machado de Assis.....	7
Capítulo 2 – Mil padre-nossos e mil ave-marias.....	13
Capítulo 3 – Outros Aspectos do Dinheiro em Machado de Assis: O Desenvolvimento do Liberalismo no Brasil.....	16
3.1. A questão do Favor.....	24
Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas.....	30

INTRODUÇÃO

Machado, em sua crítica intitulada *Notícia da Atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, publicada originalmente em 1873, dá notícias da, então, atual literatura brasileira. Segundo o autor, o romance aqui desenvolvido primava sempre pela cor local, buscando evidenciar os costumes do interior como meio de conservar melhor a tradição nacional, e também os da capital do país. Nesses casos, “a substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações” (ASSIS, 1873). E o estrangeiro não familiar com os nossos costumes que lesse esses romances acharia ali muita página instrutiva, afirma o autor. Os toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estilo são as principais características do romance brasileiro àquela época.

Os exemplos de “análise de paixões” e “caracteres” não eram muito comuns, assim como de tendências políticas, e questões sociais. Quanto a esse último aspecto, Machado afirma que esta casta de obras, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas, conservava-se no puro domínio de imaginação, tendo como principais características “a pintura dos costumes, a luta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez o estudo dos sentimentos e dos caracteres [...]” (MACHADO, 1873).

Através da leitura de dois contos deste grande autor – *Entre Santos* (1886) e *A Parasita Azul* (1872) – este trabalho se propõe a estudar como a literatura machadiana superou esteticamente as tendências em voga na literatura brasileira de seu tempo. Temos como principal objetivo apreender, através da análise desses contos, como se deu o desenvolvimento do liberalismo no Brasil do século XIX, conscientes de que a literatura é reflexo da realidade.

Assume-se aqui, a realidade, de acordo com Candido (1993), como aquela que se encontra mais em elementos que transcendem a aparência dos fatos e coisas descritas do que neles mesmos – o que o autor chamou de “razão oculta sobre a aparência dos fatos” e a “lei desses fatos na sequência do tempo”. É este o reflexo da realidade que se busca compreender.

Candido, em seu “Esquema Machado de Assis” (1995, p.6), dá especial relevo a essa característica da obra machadiana, no que diz que a modernidade de

Machado está em sua técnica, que consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial, apesar do seu arcaísmo de superfície.

Para Candido (1995), o que mais o atraía na obra de Machado era o tema da transformação do homem em objeto do homem enquanto uma maldição ligada à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Tema este que é um dos demônios familiares da obra de Machado, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária. Foi também esse viés da obra deste autor que chamou-nos atenção e inspirou este estudo.

O primeiro capítulo deste trabalho aborda a indefinição formal de *Entre Santos*, primando por uma análise a que chamamos “além da superfície”. Constitui o momento em que se pretende relacionar o narrador e a estrutura narrativa à “razão oculta sobre a aparência dos fatos” supracitada.

Ainda no primeiro capítulo abordamos a questão do dinheiro em *Entre Santos*. Para tal, lançamos mão de *O Dinheiro* de Marx (In: Manuscritos Econômico-Filosóficos, 1844), no qual buscamos fundamentar algumas características do capital em relação às ações de Sales, o homem que teme pela vida da mulher, mas encontra-se em um dilema quase espiritual entre o dinheiro e a cura de sua amada.

Assim como em *Entre Santos*, as metáforas e imagens de cunho econômico também aparecerem em *Dom Casmurro* (1899). O capítulo “Mil padre-nossos e mil ave-marias” desse romance já revela grande semelhança com a história de Sales. Escrito posteriormente ao Conto, retoma em muitos aspectos o processo de mercantilização exposto em *Entre Santos*. Este é o tema tratado no segundo capítulo, em que buscamos apreender como a análise das metáforas e imagens econômicas em *Dom Casmurro*, de acordo com Vilar (2006), sugere uma contaminação dos sentimentos e da moralidade pela lógica da economia, incorporada às esferas afetiva e moral no próprio plano do estilo, assim como é feito em *Entre Santos*.

O terceiro e último capítulo consiste na análise do conto *A Parasita Azul*. A flor descorada e sem cheiro, a que o Santo São Francisco de Sales compara o amor de seu devoto pela esposa, levou-nos a outra flor – a parasita azul de Isabel e

Camilo Seabra. A análise, realizada com apoio principalmente n'*A Revolução Burguesa* de Florestan Fernandes (1976, 2º ed.), buscou evidenciar como a literatura refletiu o modo como o liberalismo foi absorvido pelo Brasil sem, contudo, trazer grandes mudanças sociais, primando, sobretudo, pelas mudanças econômicas e, em segundo plano, políticas. O liberalismo foi fonte dos nutrientes necessários ao Brasil para o desenvolvimento de seus fatores sociais, econômicos e políticos peculiares, sempre a favor dos estamentos senhoriais. Relação esta que é sempre suscitada no conto *A Parasita Azul* na figura do personagem Camilo, que sabe absorver de todas as suas relações, os nutrientes necessários para a realização de sua felicidade, assim como uma flor parasita. Outra questão suscitada no terceiro capítulo, e que sempre esteve muito presente na literatura machadiana, diz respeito ao favor enquanto mediação entre possuir ou não meios. Mediação que torna a formação do capitalismo no Brasil ainda mais peculiar.

CAPÍTULO I ALÉM DA SUPERFÍCIE DAS COISAS EM ENTRE SANTOS

O conto Entre Santos é narrado em 3º pessoa, e conta com mais de um narrador. A história é narrada por alguém que a ouviu de um padre: *“Quando eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho), aconteceu-me uma aventura extraordinária”* (ASSIS, 1994 a).

As vozes que narram se confundem, são elas a voz do padre, a voz do narrador não identificado – que apesar de ser ele a contar a história, passa imperceptível, apenas parecendo que o padre fala – e a voz dos santos.

Inicialmente o conto é narrado em discurso indireto por aquele narrador anônimo que se apropria das palavras de um velho padre. Esse momento da narração é especialmente conturbado, pois retrata o instante em que o padre entra na Igreja e é tomado pelo medo dos possíveis “defuntos”, que depois fora constatado que eram os santos – coisa extraordinária!

Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para trás, arrepiado e trêmulo. Com certeza, andei beirando o abismo da loucura, e não caí nele por misericórdia divina. Que perdi a consciência de mim mesmo e de toda outra realidade que não fosse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo (ASSIS, 1994 a)

O narrador dá indícios da perturbação do Padre, e alguns trechos dão claro exemplo de sua confusão mental:

Já então procedia automaticamente. A vida que vivi durante esse tempo todo, não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão estranho espetáculo, fiquei absolutamente sem medo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar. (ASSIS, 1994 a)

O discurso direto aparece, então, com a fala dos Santos, *“terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um”* dos fiéis frequentadores da igreja. Com o discurso direto, São Francisco narra a história de seu devoto avaro, com detalhes de seus pensamentos e sentimentos.

Esse tipo de narração corresponde ao aspecto extraordinário do conto, uma vez que tal narrativa com nuances fantásticas é comumente contada e recontada por diversos narradores que também se confundem entre si, e da mesma forma afirmam veracidade à história contada apesar de ser uma história com elementos fantásticos.

Sobre essa narração, Antonio (2013, p.64) afirma:

Vale destacar no conto os efeitos discursivos do recurso à narrativa encaixada. Na primeira, por meio da debreagem enunciativa, o capelão se instaura no discurso. Por narrar um fato extraordinário, a conversa entre os Santos, a instalação no enunciado do actante da enunciação, com suas apreciações dos fatos, constrói um efeito de subjetividade, dando ao discurso margem à dúvida, à incredulidade. Por outro lado, dentro desse discurso, há a instauração de outros enunciadores, os Santos que dialogam. Um desses enunciadores é o narrador da segunda história. Como se observa no fragmento citado, a narrativa de São Francisco de Sales se dá ora pela debreagem enunciativa em que ele se coloca no discurso demonstrando sua posição de narrador onisciente ora se dá pela debreagem enunciativa, na qual reproduz as ações, as falas e os pensamentos do personagem. Tal hibridismo expõe a posição de um narrador que, diante de sua onisciência, traça um perfil profundo do personagem, demonstrando todos os movimentos da “alma” de Sales no decorrer da narrativa. Assim, não é o personagem Sales que produz seu discurso, mas o Santo narrador que faz uma leitura dos pensamentos deste. Temos uma espécie de monólogo em forma de diálogo, no qual São Francisco de Sales traduz as palavras a ele dirigidas e que estão na mente do personagem.

É corrente no texto a referência à leitura para designar o modo íntimo como os Santos conseguiram ver e analisar os pensamentos e sentimentos dos fiéis. Como no momento em que o padre fica com medo de ter seus pensamentos lidos pelos Santos:

“Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que veem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou germen de pecado.” (ASSIS, 1994 a)

Ou na fala de São Francisco de Sales sobre seu devoto: *“Mas eu li tudo nele logo que aqui entrou alvoroçado, com o olhar fúlgido de esperança; li tudo e esperei que acabasse de benzer-se e rezar”*(ASSIS, 1994 a).

Há também, e no mesmo sentido, referência ao exercício de observar além da superfície, como observamos no trecho em que o padre nota a natureza da reunião dos Santos:

Compreendi, no fim de alguns instantes, que eles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma coisa. Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escalpelam um cadáver. (ASSIS, 1994 a)

Em sua fala sobre a veracidade do amor de Sales por sua esposa, em detrimento dos comentários dos vizinhos, São Francisco afirma que *“Não digo que não, porque o mundo não vai além da superfície das coisas”* (ASSIS, 1994 a).

Ir além da superfície das coisas é um chamado do próprio texto, uma convocação para uma leitura que capte a substância aclamada no próprio texto: “A narração do santo foi tão longa e miúda, a análise tão complicada, que não as ponho aqui integralmente, mas em substância.” (ASSIS, 1994 a).

Sobre o que é interno ou externo ao texto, afirma Cândido (2006, p.8) “que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.

A leitura, portanto, aqui proposta busca compreender os aspectos externos na medida em que são também inerentes ao conto, e constituem-lhe substância. Interessa averiguar, como afirma Cândido (2006, p.9), “que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar”.

Ainda de acordo com Cândido, o primeiro passo para realizar essa leitura é “ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese” (2006, p.14).

Candido continua:

[...] Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torna-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la, é correr o risco de uma perigosa simplificação causal.

De acordo com a professora Fonsêca (2009), uma das formas mais frequentes que o conto machadiano assume declaradamente é a da anedota, um relato sucinto de um fato jocoso ou curioso. A professora ressalta que o fato jocoso e curioso de “Entre Santos” existe e pode ser atestado pelo incentivo ao riso por um dos narradores do conto: “Crê isto e hás de sorrir ouvindo o meu caso”, e há também o aspecto curioso explicitado pelo narrador: “aconteceu-me uma aventura extraordinária”. Outro aspecto levantado pela professora diz respeito à última frase do conto que sugere que este consistiu na narração de um sonho: “Corri a abrir todas as portas e janelas da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos”.

Fonsêca (2009) afirma que a indefinição formal do relato prepara outras indefinições, a começar pela multiplicação de narradores e pela narrativa encaixada, já citada acima, em que, um narrador anônimo conta, pela boca de um ex-capelão, uma visão em que o santo São Francisco de Sales narra o episódio ocorrido com um fiel, em que este faz uma promessa ao santo para salvar a vida de sua amada esposa. A hipótese levantada pela professora é a de que a multiplicação, a repetição e a inversão são eixos formais do conto através dos quais é possível ver a dinâmica da própria forma-mercadoria na sociedade brasileira dos oitocentos.

1.1. O Dinheiro em Entre Santos de Machado de Assis

Em seus Manuscritos Econômico-Filosóficos, aqui analisados mais detidamente em sua parte intitulada O Dinheiro, Marx analisa algumas características do Dinheiro a partir de fragmentos da literatura retirados de Goethe e Shakespeare. Para Marx, os desejos e paixões humanas não são *meras características antropológicas no sentido mais restrito, mas sim afirmações verdadeiramente ontológicas do ser*, tornando os objetos desejados a concretização da essência ontológica das paixões humanas. Uma vez que o dinheiro pode comprar todas as coisas, ele se torna o *object par excellence*, podendo ser igualado a um deus.

Algumas características ressaltadas por Marx a partir da literatura são:

- As propriedades do dinheiro são as próprias propriedades do possuidor:

"(...)Se podes pagar seis cavalos,
As suas forças não governas?
Corres por morros, clivos, valos,
Qual possuidor de vinte e quatro pernas."
(GOETHE apud MARX, 2004)

- O dinheiro como divindade visível, a confusão e inversão universal das coisas, e alcoviteiro universal entre homens e nações:

"Que é isto? Ouro? Ouro amarelo, brilhante, precioso? Não, deuses: eu não faço protestos vãos. Raízes quero, ó céus azuis! Um pouco disto tornaria o preto branco; o feio, belo; o injusto, justo; o vil, nobre; o velho, novo; o covarde, valente (...)"(SHAKESPEARE, Tímon de Atenas apud MARX, 2004).

"Ó tu, amado regicida; caro divorciador da mútua afeição do filho e do pai; brilhante corruptor dos mais puros leitões do Himeneu! valente Marte! tu,

sempre novo, viçoso, amado galanteador, cujo brilho faz derreter a virginal neve do colo de Diana! tu, deus visível, que tornas os impossíveis fáceis, e fazes como que se beijem! que em todas as línguas te explicas para todos os fins! Ó tu, pedra de toque dos corações! trata os homens, teus escravos, como rebeldes, e, pela tua virtude, arremessais a todos em discórdias devoradoras, a fim de que as feras possam ter o mundo por império!" (SHAKESPEARE, Tímon de Atenas apud MARX, 2004).

Até aqui, foi pertinente retomarmos esses aspectos dos Manuscritos de Marx para compreendermos também como se dá a questão do dinheiro no conto Entre Santos de Machado de Assis. Para não cometer o equívoco de lê-lo apenas como um conto sobre a avareza e usura, quando podemos observar que ele trata de questões muito mais profundas sobre a essência ontológica das paixões humanas e a mercantilização das relações humanas.

O conto, como sugere o título, trata da conversa entre os santos de uma igreja, que descem dos nichos no meio da noite para contar os casos de seus devotos. Possui mais de um narrador e as vozes desses se confundem. Entre os casos contados pelos santos, será o foco principal de nossa análise o caso de São Francisco de Sales, sobre um homem, homônimo seu, que foi pedir-lhe sua intercessão para salvar a vida de sua esposa. Este homem, conhecido por ser avaro, tem a intenção de oferecer uma perna de cera em troca da cura da mulher, porém, dissuadido pelo demônio, como afirma o Santo, pensa no quanto custaria a perna de cera, e converte a primeira promessa no compromisso de rezar 1000 padre-nossos e 1000 ave-marias para obter o milagre.

Da relação entre Sales – o avaro – e o dinheiro, o Santo nos dá boas indicações em seu relato:

- O caráter divino do dinheiro:

"Que ele é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre; ninguém os amou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim." (ASSIS, 1994 a)

O dinheiro adquirido por Sales é colocado dentro de um armário fechado, que nos lembra um relicário, que é aberto de vez em quando para que Sales contemple o dinheiro por alguns minutos. A palavra escolhida pelo santo para contar da relação

de seu devoto com o dinheiro já dá indícios de uma religiosidade monetária: Sales contempla o dinheiro, e nessas noites não consegue dormir, o que indica que essa contemplação mexe com seu espírito, é como se fosse uma experiência religiosa, uma epifania.

- O dinheiro como “*object par excellence*”:

“Nenhum desejo de representação, nenhum gosto nobiliário; tudo isso custa dinheiro, e ele diz que o dinheiro não lhe cai do céu. Pouca sociedade, nenhuma recreação de família. Ouve e conta anedotas da vida alheia, que é regalo gratuito.” (ASSIS, 1994 a)

O interesse do Sales pelo dinheiro não se justifica pelo mero consumismo, pelo desejo de ter, de possuir, ou mesmo de ser. O dinheiro é para ele o bem principal, o objeto por excelência.

Conforme afirma Marx,

“O dinheiro, já que possui a propriedade de comprar tudo, de apropriar objetos para si mesmo, é, por conseguinte o *object par excellence*. O caráter universal dessa propriedade corresponde à onipotência do dinheiro, que é encarado como um ser onipotente. . . o dinheiro é a proxeneta entre a necessidade e o objeto, entre a vida humana e os meios de subsistência.” (MARX, 2004)

No entanto, para Sales, o dinheiro superou seu desejo por bens adquiríveis e suas necessidades, tornando-se superior a essas paixões.

- O dinheiro como agente da transposição universal de todas as coisas:

– Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Sales teve uma ideia específica de usurário, a de prometer-me uma perna de cera. Não foi o crente, que simboliza desta maneira a lembrança do benefício; foi o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectativa do lucro. E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava ele querer de veras a vida da mulher - intuição de avaro; - despender é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lho a consciência pela mesma boca escura. (ASSIS, 1994 a)

Em um primeiro momento, Sales tem a intenção de oferecer uma perna de cera ao Santo como pagamento de promessa pela cura da esposa. Sobre essa atitude, São Francisco de Sales parece não ignorar a sua natureza: a expectativa do lucro. Logo, o que deveria ser um gesto de lembrança e agradecimento, torna-se uma negociação. Nesse sentido, Marx (2004) ressalta a propriedade de inversão dos valores que há no dinheiro: *“Posto que o dinheiro, como conceito existente e ativo do valor, confunde e troca tudo, ele é a confusão e transposição universais de todas as*

coisas, o mundo invertido, a confusão e transposição de todos os atributos naturais e humanos”.

No ar, diante dos olhos, recortava-se-lhe a perna de cera, e logo a moeda que ela havia de custar. A perna desapareceu, mas ficou a moeda, redonda, luzidia, amarela, ouro puro, completamente ouro, melhor que o dos castiçais do meu altar, apenas dourados. Para onde quer que virasse os olhos, via a moeda, girando, girando, girando. E os olhos a apalpavam, de longe, e transmitiam-lhe a sensação fria do metal e até a do relevo do cunho. Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre. (ASSIS, 1994 a)

No trecho acima, vemos de que espécie de transposição de valores a história do avaro trata. Em um tipo de delírio, Sales já não vê a perna de cera, mas sim o quanto em dinheiro ela iria lhe custar. O significado fantasmagórico do dinheiro suplanta o significado da perna de cera, e o brilho da moeda tomava todo o ambiente eclesiástico.

Mais adiante na história, São Francisco de Sales faz um relato interessante, pela escolha das palavras, de como um ato de fé, e um pedido por um milagre transformou-se em uma transação financeira: *“Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas”* (ASSIS, 1994 a).

Transação nova. Troca de espécie. Valor. Foram essas as palavras escolhidas pelo santo narrador, indicando o tipo de transposição das ideias e dos valores ali relacionados. Nesse sentido:

“O dinheiro não é trocado por uma qualidade particular, uma coisa particular ou uma faculdade humana específica, porém por todo o mundo objetivo do homem e da natureza. Assim, sob o ponto de vista de seu possuidor, ele troca toda qualidade e objeto por qualquer outro, ainda que sejam contraditórios. Ele é a confraternização dos incomparáveis; força os contrários a abraçarem-se.” (MARX, 2004)

Já convencido de que a oração poderia substituir o apelo da perna de cera, Sales promete trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias e, não satisfeito, por último, promete mil padre-nossos e mil ave-marias. Mas não assim, por extenso, mas em algarismos, pois só os algarismos significam a troca ali estabelecida, de algo insubstancial como a oração, pela substância algorítmica: 1000.

“Que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos, - não menos, - trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma escrita por letras do

alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1.000 - 1.000 - 1.000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo, e com eles, crescia o esforço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil ..." (ASSIS, 1994 a)

Nos trechos abaixo as palavras de campo semântico aproximado são empregados para objetos substancialmente opostos, mas que espelham justamente a inversão de valores aqui discutida: "*O mundo não vê que, além de caseira eminente educada por ele, e sua confidente de mais de vinte anos, a mulher deste Sales é amada deveras pelo marido*" (ASSIS, 1994 a).

Aqui, o Santo relata que a mulher do Sales é sua confidente há muito, e que ele realmente a ama, a despeito dos dichotes de seus vizinhos que não criam nos sentimentos do homem, mas achavam tratar-se de avareza e pesar pelos custos do enterro da esposa caso ela morresse.

Era ela mesma, velha amiga de longos anos, companheira do dia e da noite, era ela que ali estava no ar, girando, às tontas; era ela que descia do teto, ou subia do chão, ou rolava no altar, indo da Epístola ao Evangelho, ou tilintava nos pingentes do lustre. (ASSIS, 1994 a)

Já nesse outro trecho, palavras semelhantes foram utilizadas para descrever a relação de Sales com a moeda. Era ela a sua velha amiga e companheira de longos anos. Esse é um momento de tensão para Sales, em que ele se encontra entre o amor pela esposa e o amor pelo dinheiro, como afirma Antonio (2013, p. 65):

Existe, de um lado, a concretização do objeto-valor dinheiro através dos sentidos, tanto a visão como o tato, e, ainda, podemos ler um sincretismo de imagem, com a junção entre a visão da moeda e da esposa, especialmente pelo uso do vocábulo "companheira". Mesmo que o dinheiro seja também seu companheiro inseparável, tal leitura do termo relacionado à esposa advém do início da narrativa, quando a mulher deste é apresentada [...] Nesse sentido, a palavra "companheira" destacada no trecho acima expõe os movimentos na consciência do narrador dividido entre a companheira-esposa, aquela que estava com ele há anos e fazia parte de sua vida, e, de outro lado, a companheira-moeda, signo do dinheiro com o qual ele também mantinha uma relação de dependência, algo além do valor de troca. Por isso, quando Sales vê a possibilidade de entrar em disjunção com uma dessas companheiras (objetos de valor), há um elevado grau de tensão pela necessidade da escolha, que se arrasta pela narrativa.

Em seu conto *Entre Santos*, Machado coloca questões que sobrepujam a questão da avareza como pecado humano, e adentra a questão das relações humanas. Ou melhor, a questão da alienação dessas relações que está diretamente ligada ao poder de reificação do dinheiro, descrito por Marx (2004) como: "*O poder*

de inverter e confundir todos os atributos humanos e naturais, de levar os incompatíveis a confraternizarem, o poder divino do dinheiro reside em seu caráter como a vida espécie alienada e autoalienadora do homem. Ele é a força alienada da humanidade”.

II CAPÍTULO MIL PADRE-NOSSOS E MIL AVE-MARIAS

Assim como em *Entre Santos*, as metáforas e imagens de cunho econômico também aparecerem em *Dom Casmurro* (1899). O conteúdo do Capítulo desta obra intitulado “Mil padre-nossos e mil ave-marias”, escrito posteriormente ao Conto, retoma em muitos aspectos o processo de mercantilização exposto em *Entre Santos*.

A análise das metáforas e imagens econômicas em *Dom Casmurro*, de acordo com Vilar (2006), sugere uma contaminação dos sentimentos e da moralidade pela lógica da economia, incorporada às esferas afetiva e moral no próprio plano do estilo. Dessa forma, conforme a estudiosa, o contágio do universo literário pelos valores mercantis ocorreria mais intensamente pela linguagem que pelas situações.

Assim, uma situação religiosa que, em sua natureza possuiria apenas traços espirituais e não necessariamente possui características mercantis, transforma-se em uma transação financeira denunciada pelo vocabulário utilizado na oração (tanto no Conto, como no livro).

No capítulo em questão, Bento Santiago, o protagonista, narra em primeira pessoa, a oração e a promessa que fez com intenção de conseguir a graça de não mais ter que ir para o seminário, conforme sua mãe havia prometido. Prometeu rezar, assim como o avaro Sales, mil padre-nossos e mil ave-marias se sua oração fosse atendida.

Bentinho explicou que a soma das orações era enorme porque tinham intenção de pagar também aquelas anteriores que ele não havia cumprido devido à preguiça:

A soma era enorme. A razão é que eu andava carregado de promessas não cumpridas. A última foi de duzentos padre-nossos e duzentas ave-marias, se não chovesse em certa tarde de passeio a Santa Teresa. Não choveu, mas eu não rezei as orações. Desde pequenino acostumara-me a pedir ao Céu os seus favores, mediante orações que diria, se eles viessem. Disse as primeiras, as outras foram adiadas, e à medida que se amontoavam iam sendo esquecidas. Assim cheguei aos números vinte, trinta, cinquenta. Entrei nas centenas e agora no milhar. Era um modo de peitar a vontade divina pela quantia das orações; além disso, cada promessa nova era feita e jurada no sentido de pagar a dívida antiga. Mas vão lá matar a preguiça de uma alma que a trazia do berço e não a sentia atenuada pela vida! O Céu

fazia-me o favor, eu adia a paga. Afinal perdi-me nas contas. (ASSIS, 1994b, p.20)

O trecho acima demonstra um padrão de multiplicação das orações, que dava agora na casa do milhar. O devoto pensava que pela quantia das orações conseguiria peitar a vontade divina. A relação comercial em que se transforma a devoção do personagem é evidenciada pela expressão “*cada promessa nova era feita e jurada no sentido de pagar a dívida antiga*”. Como explicita Vilar (2006), a palavra “*soma*” é a primeira a ser citada e a primeira a delatar a ideia de contabilidade, e é logo seguida por outras como “*quantias*”, “*pagar a dívida nova*”, etc.

Em um outro trecho, o narrador prossegue:

Realmente, a matéria do benefício era agora imensa, não menos que a salvação ou o naufrágio da minha existência inteira. Mil, mil, mil. Era preciso uma soma que pagasse os atrasados todos. Deus podia muito bem, irritado com os esquecimentos, negar-se a ouvir-me sem muito dinheiro... Homem grave, é possível que estas agitações de menino te enfadem, se é que não as achas ridículas. Sublimes não eram. Cogitei muito no modo de resgatar a dívida espiritual. Não achava outra espécie em que, mediante a intenção, tudo se cumprisse, fechando a escrituração da minha consciência moral sem déficit. Mandar dizer cem missas, ou subir de joelhos a ladeira da Glória para ouvir uma, ir à Terra Santa, tudo o que as velhas escravas me contavam de promessas célebres, tudo me acudia sem se fixar de vez no espírito. Era muito duro subir uma ladeira de joelhos; devia feri-los por força. A Terra Santa ficava muito longe. As missas eram numerosas, podiam empenhar-me outra vez a alma...(ASSIS, 1994b, p.21)

Da mesma forma que em *Entre Santos*, a oração é usada como moeda de troca entre coisas opostas, “a matéria do benefício era imensa”, mas seria negociada por algo menos concreto possível e que não exigisse tanto sacrifício físico como subir a ladeira da Glória de joelhos ou ir à Terra Santa. Enquanto o pecado de Sales era a avareza, o de Bento era a preguiça. Mas para ambos, a expiação era a mesma: a negociação comercial, que equipara os opostos.

A equiparação dos opostos, enquanto uma característica do dinheiro, conforme foi explicitado por Marx (2004), fica mais evidente nas palavras de Bento quando diz “*Deus podia muito bem, irritado com os esquecimentos, negar-se a ouvir-me sem muito dinheiro*”. “A confusão e inversão universal das coisas”, estabelece-se no texto no momento em que oração e capital se fundem, de modo que o personagem principal comete o “ato falho” de confundir oração com dinheiro.

Conforme afirma Vilar (2006), as expressões “*Perder-se nas contas*”, “*adiar a paga*”, “*promessa nova*”, “*dívida antiga*”, “*quantia das orações*”, “mesclam à relação com Deus o mundano, o mercantil, o pecuniário e o contábil, associando abstrato e concreto” (VILAR, 2006).

De acordo com Fonsêca (2009), a relação entre o narrador de Dom Casmuro e Deus, a quem ele dirige suas orações, confirma também “*a mediação constitutiva da peculiar formação capitalista brasileira – o favor*”. Pois o não cumprimento das promessas feitas implicava em uma dívida eterna e impagável como é da natureza do favor. Ainda de acordo com a autora, o próprio narrador traz à lembrança do leitor esse fato, no que diz: “O céu pedia-me o favor, eu adiava a paga”.

CAPÍTULO III

OUTROS ASPECTOS DO DINHEIRO EM MACHADO DE ASSIS: O DESENVOLVIMENTO DO LIBERALISMO NO BRASIL

Conforme afirma Auerbach, “o método da interpretação do texto deixa à discricção do intérprete um certo campo de ação: pode escolher e dar ênfase como preferir. Contudo, aquilo que afirma deve ser encontrável no texto” (AUERBACH, 1987, p. 501).

A leitura de *Entre Santos* requer, como já foi dito antes, um olhar além da superfície, que a perpasse e vá buscar na profundidade do texto significados não tão evidentes. Baseado na premissa de que os significados apreendidos devem partir de dentro do próprio texto, é que se foi chegar a trechos de outras obras de Machado de Assis, das quais é possível depreender aspectos semelhantes, também relacionados ao dinheiro, tal qual em *Entre Santos*:

“Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias. Sales ama a esposa; está abatido e desvairado com a ideia de a perder.”(ASSIS, 1994a)

As palavras acima são de São Francisco de Sales esclarecendo a veracidade do amor de seu devoto usurário pela esposa doente. No capítulo anterior já foi possível entender a natureza ambígua dos sentimentos do homem Sales, que equivaliam tanto à sua relação com a mulher como à sua relação com o dinheiro. Semelhante a esta flor descorada e sem cheiro – que só pôde brotar assim pela natureza do próprio muro em que se sustenta, sendo nomeada anomalia, apesar de flor – é também o cadáver de flor seco, uma parasita muito feia de *A Parasita Azul*.

A Parasita Azul é um conto longo, dividido em sete capítulos, que narra a volta de Camilo Seabra ao Brasil, após oito anos morando na capital francesa, para estudar. Após a morte de seu padrinho com quem morava na França, o personagem regressa à sua pátria a pedido do pai, que ameaça não lhe enviar mais dinheiro caso não retornasse. Retorna contrariado. Quando chega à capital brasileira, na época o Rio de Janeiro, encontra um velho conhecido, Leandro Soares, que o acompanhará em sua viagem de volta à sua cidade natal, Santa Luzia, em Goiás. Na viagem que passa por várias paisagens do interior brasileiro, Soares fala de seu amor não correspondido por uma moça chamada Isabel, e Camilo se recorda dela ainda criança. Ao falar do objeto de seu amor, Soares deixa claro que é capaz de matar

pela moça. Durante a viagem, Camilo sente saudades de Paris e compara a todo tempo os dois lugares. Alguns dias após sua chegada reencontra Isabel, que o intriga com seu jeito esquivo. Na ocasião da Festa anual do Espírito Santo, a que Camilo considera retrógada, encontra um senhor misterioso, que lhe revela que Isabel guarda um segredo. Camilo se apaixona por Isabel, mas não compreende o motivo pelo qual é rejeitado como foram os outros pretendentes, já que se sente superior a eles. Não sabe que essa rejeição decorria de que Isabel, quando criança, pedira a Camilo que lhe pegasse uma parasita azul, que estava nos galhos de uma árvore, e que essa flor ainda era guardada por Isabel como símbolo do seu amor de infância. Ao ver seu pedido ser atendido (a flor), a moça passa a amar o jovem rapaz, mas não dá uma chance a ele agora que se reencontraram, já que acredita que seu amor era antigo, enquanto o do rapaz era recente. Quando Camilo descobre o amor da moça por ele através do misterioso senhor que o interpelara na festa do Espírito Santo, que lhe conta sobre a história da parasita, decide fazer com que ela o aceite, fingindo que irá se suicidar. Isabel, ao saber de sua tentativa de suicídio, desespera-se e aceita o amor de Camilo, casando-se com ele. Diante desse acontecimento, Soares se sente desrespeitado e, irado, vai tomar satisfação com seu rival, mas acaba seguindo para a vida política em troca de sua desilusão, uma vez que Camilo o ajuda oferecendo-lhe uma candidatura.

Existem diferentes tipos de plantas parasitas, que recebem esse nome porque se fixam em outras plantas para obter substâncias que não conseguem sozinhas. Algumas plantas fazem fotossíntese, obtendo energia a partir da luz do sol, mas são incapazes de retirar água e sais minerais do solo para realizar esse processo. É uma relação de dependência e de adaptação. A Parasita Azul traz para o conto esse estigma, principalmente por ser ela a chave para o ápice da narrativa. A flor descorada e sem cheiro, que representa o amor de Sales pela esposa, não é parasita, mas está assentada sobre um lugar que lhe dá condições peculiares de desenvolvimento.

Florestan Fernandes, em *A Revolução Burguesa no Brasil* (1974), apresenta as principais características que impulsionaram o desenvolvimento do liberalismo no Brasil, em condições peculiares:

[...] ao se apelar para a noção de 'Revolução Burguesa', não se pretende explicar o presente do Brasil pelo passado dos povos europeus. Indaga-se,

porém, quais foram e como se manifestaram as condições e os fatores histórico-sociais que explicam como e porque se rompeu, no Brasil, com o imobilismo da ordem tradicionalista e se originou a modernização como processo social. (FERNANDES,1974, p. 20-21)

A análise aqui feita observa o que foi colocado por Fernandes no que concerne às “Questões Preliminares de Importância Interpretativa” e às “Implicações Socioeconômicas da Independência” por compreenderem o período em que se inserem as obras de Machado de Assis abordadas nesse estudo. Através desse levantamento bibliográfico, buscamos identificar o modo como o liberalismo foi assimilado no Brasil do século XIX, bem como defender a hipótese de que tanto a parasita azul, como a flor descorada de Entre Santos, representam, na visão de Machado, a absorção das ideias liberais pelo Brasil.

Fernandes (1974) questiona a historiografia e sociologia brasileiras no que diz respeito às noções de “burguês” e “burguesia”, pois ou os pesquisadores analisavam essa questão de modo “demasiado livre”, partindo da afirmação de que a burguesia e o burguês teriam surgido com a implantação da “grande lavoura exportadora”, como se o senhor de engenho pudesse assumir o papel socioeconômico de controle das atividades agrícolas e da articulação com as organizações da Metrópole e da economia mercantil europeia. Ou, para outros, nem o burguês nem a burguesia teriam existido no Brasil. Os dois procedimentos são considerados impróprios e extravagantes, nas palavras do autor.

Para o autor, não se pode associar o senhor de engenho ao burguês, por aquele possuir funções sócio-político-econômicas distintas deste. O senhor de engenho fazia parte do “processo de mercantilização da produção agrária” e, por isso, não era o “antecessor do empresário moderno”, ocupando uma posição marginal dentro do processo geral de mercantilização agrária. Logo, seria um contrassenso dizer que a história da Burguesia emerge com a colonização.

Por outro lado, a negação dessas instituições, de acordo com Fernandes, “peca por uma espécie de historicismo anti-histórico”, de forma que só é considerado histórico o que ocorre sob o marco do “aqui e agora”, como se a história fosse constituída por particularidades sem nenhuma ligação dinâmica com os fatores que associam povos distintos através de padrões de civilização comum. Para Florestan Fernandes:

[...] Não seria em elementos exóticos e anacrônicos da paisagem que se deveriam procurar as condições eventuais para o aparecimento e o desenvolvimento da “burguesia”. Mas, nos requisitos estruturais e funcionais do padrão de civilização que orientou e continua a orientar a “vocação histórica” do povo brasileiro.   luz de tais argumentos, seria ilógico negar a existência do “burguês” e da “burguesia” no Brasil. Poder-se-ia dizer, no máximo, que se trata de entidades que aqui aparecem tardiamente, segundo um curso marcadamente distinto do que foi seguido na evolu o da Europa, mas dentro de tendências que prefiguram fun oes e destinos sociais análogos tanto para o tipo de personalidade quanto para o tipo de forma o social.” (FERNANDES, 1974, p. 34)

Nessa perspectiva, quanto   questão da Revolu o Burguesa como realidade histórica no Brasil, Fernandes (1974) afirma que não existiu aqui o feudalismo, tão pouco o burgo. O que tivemos foi a existência de um burguês que já surge como uma entidade especializada “seja na figura do agente artesanal inserido na rede de mercantiliza o da produ o interna, seja como negociante”. Essas duas flora oes do “burguês” eram sufocadas pelo sistema colonial e escravista. Porém, com a Independência, rompeu-se o estatuto colonial, criando condi oes de expansão da burguesia. Fernandes aborda a ideia da organiza o de classe não como classe burguesa, mas sim como uma “cong rie social”. Segundo ele, o que unia “os vários setores dessa cong rie não eram interesses fundados em situa oes comuns de natureza estamental ou de classes. Mas, a maneira pela qual tendia polarizar socialmente certas utopias”.

A ruptura com o regime escravocrata e a defesa da Independência representaram a mudança, limitada, da elite senhorial e da recente burguesia brasileira. No entanto, os laços sociais que caracterizavam o regime senhorial e seu status social ainda permaneciam presentes intencionalmente pelas elites consolidadas (senhores de engenho) e pelas elites em ascensão (burguesia). Essa ruptura limitada marca as rela oes com os países centrais externos, como também marca o estilo de vida desenvolvido pelas diversas camadas sociais no Brasil. Nesse sentido, a independência guardou um aspecto revolucionário e outro conservador. O aspecto revolucionário estava relacionado ao rompimento com a economia heteron mica, enquanto o aspecto conservador estava relacionado   manuten o da ordem social.

Havia uma polariza o que associava o liberalismo aos processos de consciência social vinculados   “emancipa o colonial”. Na primeira polariza o, o liberalismo assume duas fun oes típicas: de um lado, preencheu a fun o de dar

forma às manifestações igualitárias, com a defesa dos “princípios liberais” a favor do status social. Do outro lado, desempenhou a função de redefinir as relações de dependência que continuam a vigorar na vinculação do Brasil com o mercado externo e as grandes potências da época. Esse aspecto propunha o problema da soberania como se, de fato, existisse uma interdependência vantajosa e consentida da especialização econômica Internacional e da “complementaridade da influência civilizadora das nações”. No entanto, apenas encobria, através de “ficções toleráveis”, diversos tipos existentes de subordinação, que não seriam suprimidas, nem alteradas, fundamentalmente, com a extinção do estatuto colonial.

A outra polarização relaciona o liberalismo com a construção de um estado nacional. Nesse sentido, o liberalismo possui caráter instrumental e se propõe o complexo problema de como criar uma Nação em um país destituído até das condições elementares mínimas de uma “sociedade nacional”. O Estado se estabeleceu como a única entidade que podia ser manipulável desde o início, a partir da situação de interesses das elites nativas, mas com vistas à sua progressiva adaptação à filosofia política do liberalismo.

A primeira polarização remete à ideologia. A segunda, à utopia. Fernandes ressalta que, ao contrário do que se pensava, o liberalismo exerceu influências sociais construtivas em várias direções concomitantes, não podendo ser considerado uma entidade deslocada da realidade do Brasil à época:

Em vez de procurar-se ver nele um elemento postiço, farisaico ou esdrúxulo, seria melhor determinar o sentido e o alcance dessas influências, que também exprimem as condições e as necessidades histórico-sociais que regulavam sua elaboração sociocultural no seio de uma sociedade colonial em mudança. (FERNANDES, 1974 p.35)

De acordo com Fernandes (1974), as categorias de pensamento fundamentadas no liberalismo tinham a clara função de suscitar e ordenar a partir de dentro, através do estatuto nacional, mecanismos econômicos, sociais e políticos que produzissem efeitos equivalentes aos que eram conseguidos antes, a partir de fora, através do estatuto colonial. Fernandes ressalta que a absorção do liberalismo respondia a requisitos econômicos, sociais e políticos que condicionavam a associação livre e heteronômica do Brasil às estruturas internacionais de poder.

A digressão feita nos últimos parágrafos mostra como o liberalismo foi absorvido pelo Brasil sem, contudo, trazer grandes mudanças sociais, primando,

sobretudo, pelas mudanças econômicas e, em segundo plano, políticas. O interesse era manter a ordem social estamental a custo dos ideais liberais usados em favor das classes dominantes. O liberalismo foi fonte dos nutrientes necessários ao Brasil para o desenvolvimento de seus fatores sociais, econômicos e políticos peculiares, sempre a favor dos estamentos senhoriais. Relação concomitante a essa é sempre suscitada no conto A Parasita Azul na figura do personagem Camilo, que sabe absorver de todas as suas relações, os nutrientes necessários para a realização de sua felicidade.

Camilo viveu em Paris, berço da Revolução Burguesa, às custas do Pai. Retornou, sendo reconhecido por toda cidade por ter se formado em medicina e se tornado um homem civilizado. Todas as suas relações foram mediadas pelo dinheiro: a relação com seu Pai, sua volta ao Brasil, a relação com Leandro Soares e, há ainda a possibilidade levantada pelo padre de que sua relação com Isabel também tenha sido mediada pelo dinheiro. Mesmo a ajuda do homem misterioso que parece gratuita a princípio, depois revela-se ligada à relação de dependência do homem para com a família de Isabel.

Quanto ao triângulo amoroso formado por Camilo, Isabel e Leandro, Gledson (2011, p.23) ressalta que este se baseia em três personagens centrais, que reaparecerão, sob vários disfarces, em cinco romances de Machado. Primeiro, aparece o "estrangeiro", o homem (brasileiro) que viajou para fora do Brasil e volta para impressionar os seus compatriotas; segundo, a mulher fascinante, brasileira, que olha para ambos os lados (isto é, tem uma grande capacidade de ser ambígua), mas que acaba traíndo o caipira, o "autêntico" brasileiro; terceiro, o caipira propriamente dito, o brasileiro que existe, parece, para ser traído e menosprezado.

Para Gledson (2011, p.24), este triângulo tem a capacidade de variar sem perder a sua identidade básica, por uma razão, sobretudo: porque encarna uma verdade básica e onipresente, o status semicolonial, ou periférico, do Brasil, o que significa que olhar para o país "sozinho", independente de qualquer influência estrangeira é, em última instância, irreal.

Nesse sentido, cabe analisar mais acuradamente o personagem Camilo que, nascido rico, filho de um proprietário de Goiás, é um grande catalizador dessa característica de adaptabilidade entre a influência estrangeira e a vida local.

Como já foi assinalado por Bossi (1999), o personagem dissimula a todo tempo, o que já pode ser notado em sua carta escrita ao pai na ocasião da morte de seu padrinho em Paris, como também fizera nas cartas posteriores:

Em suma, meu pai, se lhe parece que eu tenho o necessário juízo para concluir aqui os meus estudos, deixe-me cá ficar até que eu possa regressar ao meu país como um cidadão esclarecido e apto para o servir, como é do meu dever. Caso a sua vontade seja contrária a isto que lhe peço, diga-o com franqueza, meu pai, porque então não me demorarei um instante mais nesta terra, que já foi meia pátria para mim, e que hoje (hélas!) é apenas uma terra de exílio. (ASSIS, 1994c)

À primeira vista, fica evidente o contraste entre a cor local do Brasil e a civilidade de Paris, isso aos olhos de Camilo Seabra, que desembarcou em terras brasileiras *“com a mesma alegria com que o réu transpõe os umbrais do cárcere”*. Após oito anos estudando medicina em Paris, voltou com um diploma na algibeira e uma saudade no coração. Porém essa saudade não era de sua terra natal, mas do estrangeiro. Seu sentimento era de não pertencimento, não só ao Rio de Janeiro – que em tudo lhe parecia *“lúgubre, acanhado, mesquinho”* – mas principalmente à cidade em que nascera em Goiás, Santa Luzia, ainda menos parisiense que o Rio de Janeiro.

Correa (2009, p.5) observa que:

A situação geográfica em que o personagem é posto, entre o centro e a periferia, e a feição cínica com que o nacionalismo aparece na escrita do personagem indicam que Machado lidava, no conto, com um problema central para a produção literária brasileira: a confraternização de impossibilidades, literatura nacional a partir de formas estéticas universalizadas pela colonização mercantil e consolidadas pelo capital mundializado.

Nessa perspectiva, vemos que o dilema em que Camilo se situa, entre Centro e Periferia, chama para si a realidade do País no século XIX, tanto no aspecto literário, como social e econômico. No entanto, através de tanto dissimular, Camilo consegue resolver todos os seus dilemas, adaptando-se às circunstâncias e absorvendo o quanto pode de sua condição social, e não só de sua condição social isoladamente, mas da própria organização estamental da sociedade em que vivia.

Sua insatisfação com sua terra natal só é amenizada quando se apaixona por Isabel, porém não consegue entender porque não é aceito pela moça. Em certo momento da narrativa o narrador revela a chave do mistério de Isabel, que se nega

a todos os pretendentes. Porém, só fica sabendo o leitor, pois para Camilo se mantém o segredo:

– E a quem ama? pergunta vivamente o leitor.
Ama... uma parasita. Uma parasita? É verdade, uma parasita. Deve ser então uma flor muito linda, - um milagre de frescura e de aroma. Não, senhor, é uma parasita muito feia, um cadáver de flor, seco, mirrado, uma flor que devia ter sido lindíssima há muito tempo, no pé, mas que hoje na cestinha em que ela a traz, nenhum sentimento inspira, a não ser de curiosidade. Sim, porque é realmente curioso que uma moça de vinte anos, em toda a força das paixões, pareça indiferente aos homens que a cercam, e concentre todos os seus afetos nos restos descorados e secos de uma flor. (ASSIS, 1994 c)

Essa parasita é a mesma que foi dada a Isabel por seu jovem amor – que, após descer da árvore em que a parasita estava, caiu e machucou a cabeça – e pela qual a moça nutria uma profunda admiração:

A impressão que Isabel recebeu naquela ocasião foi profunda. Gostava até então do rapaz; daí em diante passou a adorá-lo. A flor que ele lhe colhera veio naturalmente a secar; Isabel guardou-a como se fora uma relíquia; beijava-a todos os dias; e de certo tempo em diante até chorava sobre ela. Uma espécie de culto supersticioso prendia o coração da moça àquela mirrada parasita. (ASSIS, 1994 c)

Quando, mais tarde, Camilo fica sabendo da história da parasita – narrada pelo desconhecido que lhe falara na igreja – e do culto que até então a moça devotava à flor seca, foi tomado de alegria, pois reconheceu que a história era sua também. Era ele o rapaz que lhe dera a parasita azul: “– *Oh! sim! sim! disse Camilo. Sou amado! sou amado!*” (ASSIS, 1994 c).

Todos esses anos, Isabel dedicou seu amor à parasita, e assim dedicava seu amor a Camilo. O próprio Camilo reconheceu que, amando a flor, Isabel também o amava. Camilo e a parasita nesse momento são iguais.

O romance, todo tempo dissimulado, entre Isabel e Camilo mostra outros segredos que tudo têm a ver com a parasita azul. Ao indagar o padre, por exemplo, do porquê Isabel não aceitava nenhum de seus pretendentes, Camilo obtém como resposta a suspeita do padre de que a moça é ambiciosa, e que não aceita o amor de Soares, com a esperança de arranjar algum casamento que lhe abra a porta das grandezas políticas. Seria possível, então, que Isabel preferisse unir o amor à conveniência social e econômica. Aparentemente, obteve êxito, e os dois tiveram um final feliz.

Voltando ao conto Entre Santos, a flor que representa o amor do avaro Sales por sua esposa, é semelhante à parasita, pois a despeito das circunstâncias adversas ao ser e ao estar, também consegue se adaptar ao muro aspérrimo que não lhe dá condições ideais de desenvolvimento – e apesar de não estar no solo apropriado, com os nutrientes adequados, ainda assim, é uma flor. A esse respeito, cabe refletirmos sobre a legitimidade assumida pelo liberalismo em terras brasileiras, mesmo a história do Brasil sendo tão diversa da história europeia.

Sobre as condições em que o liberalismo se instaurou no Brasil, Florestan Fernandes (1974, p.38) considera que, sem perder de vista as limitações e deformações que sofreu numa sociedade e numa cultura tão avessa às suas implicações socioeconômicas, políticas, intelectuais e humanitárias, e, ainda, aceitando-se que ele só se constitui uma realidade histórica para as minorias atuantes representadas pelos estamentos senhoriais, o liberalismo foi a força cultural da revolução nacional brasileira.

3.1. A questão do Favor

A presença do dinheiro tem, desde o início do conto, caráter essencial – que é percebida mais nitidamente na vida de Camilo Seabra: “*Voltava de uma ausência de oito anos, tendo visto e admirado as principais coisas que um homem pode ver e admirar por lá, quando não lhe falta gosto nem meios. Ambas as coisas possuía, e se tivesse também, não digo muito, mas um pouco mais de juízo, houvera gozado melhor do que gozou, e com justiça poderia dizer que vivera*” (ASSIS, 1994, c)

O dinheiro mais uma vez, como a confusão e a troca universal de todas as coisas, é o que proporciona a Camilo tudo, desde seu diploma, suas aventuras em Paris, e até concretização de seu amor com Isabel sem maiores problemas com Leandro Soares. O que lembra Marx (2004), no que diz:

Se estou com vontade de comer, ou desejo de viajar na diligência da posta por não ser bastante forte para ir a pé, o dinheiro proporciona-me a refeição e a diligência, i. é, ele transforma meus desejos de representações em *realidades*, de seres imaginários em *seres reais*. Atuando assim como mediador, o dinheiro é uma força *genuinamente criadora*.
[...] A diferença entre a procura efetiva, apoiada pelo dinheiro, e a inefetiva, baseada em minhas necessidades, minha paixão, meu desejo, etc., é a diferença entre *ser e pensar*, entre a representação meramente *interior* e a representação existente fora de mim mesmo como *objeto real*. (MARX, 2004)

Camilo possuía tanto o gosto como o meio para obter qualquer coisa que tivesse desejado em Paris, e também tudo que lhe interessou em Goiás. Não teve a mesma sorte seu colega de viagem, Soares, que não obtinha todos os meios para conseguir o que desejava, nem a mulher amada nem as aspirações políticas:

Se tenho vocação para estudar, mas não tenho dinheiro algum para isso, não tenho nenhuma vocação para estudar, isto é, nenhuma vocação efetiva, verdadeira. Se eu, ao contrário, não tenho realmente nenhuma vocação para estudar, mas tenho a vontade e o dinheiro, tenho para isso uma vocação efetiva. (MARX, 2004)

Muito além dessa dicotomia entre possuir ou não meios, estabelece-se no conto e na vida uma mediação entre esses: o favor.

Para Franco (1983, 3ª ed.) o homem livre pobre possuía um caráter *prescindível* na estrutura sócio-econômica. Nas palavras da autora, em sua observação sobre o favor na sociedade brasileira do século XIX,

Essa existência dispensável levou-o, em última instância, a conceber sua própria situação como imutável e fechada, na medida em que as suas necessidades mais elementares dependeram sempre das dádivas de seus superiores. Assim, em sua vida de favor, a dominação foi experimentada como uma graça e ele próprio reafirmou, ininterruptamente, a cadeia de lealdades que o prendia aos mais poderosos. Desprovida de marcas exteriores, sua sujeição foi suportada como benefício recebido com gratidão e como autoridade voluntariamente aceita, fechando-se a possibilidade de ele sequer perceber o contexto de domínio a que esteve circunscrito. (FRANCO, 1983, p. 104)

Nesse sentido, não deve passar despercebida a presença do homem baixinho e magro que avisa a Camilo que há um mistério em relação a Isabel, mesmo porque é ele quem avisa a Camilo, posteriormente, sobre a parasita azul venerada por Isabel, o que permite o desenlace da história e a união dos namorados. Quando Camilo tenta pagar pelo “serviço” prestado, o homem recusa o pagamento:

– Deste modo, disse o desconhecido, nem o senhor fica devendo um obséquio, nem eu recebo a paga dele. Não pense que tive tenção de servir a V.S.; não. Meu desejo é fazer feliz a filha do meu benfeitor. Sabia que ela gostava de um moço, e que esse moço era capaz de a fazer feliz; abri caminho para que ele chegue até onde ela está. Isto não se paga; agradece-se apenas. (ASSIS, 1994 c)

Trata-se de um favor. Aliás, de favores. O primeiro, à Isabel, pois seu pai era o benfeitor do misterioso homem. O segundo, ao próprio Camilo. Porém, a questão do homem ter rejeitado pagamento pelo favor prestado nos revela características de

como funciona esse mecanismo. Como o favor em si se torna uma moeda? Nessa perspectiva, cabe o dito popular “deva dinheiro, mas não deva um favor”.

Em outro momento, após descobrir o mistério da parasita azul e, depois de dissimular um suicídio, conseguir ficar noivo de Isabel, Camilo precisou vencer o ciúme e o despeito de Leandro Soares, que àquela altura já pretendia matá-lo. Na ocasião em que se encontraram, Camilo lançou mão de um subterfúgio que talvez fosse capaz de aplacar a fúria do homem rejeitado: ofereceu-lhe uma candidatura como deputado. Leandro, apesar de todo amor e ciúmes que nutria por Isabel, aceitou de bom grado a indicação. O favor prestado por Camilo beneficiou a ambos.

CONCLUSÃO

A cor local dada por Machado não era dada somente pela natureza e excentricidades do interior do país, assim como se faz parecer com a festa do Espírito Santo em *A Parasita Azul* – apenas uma peculiaridade do interior de Goiás. Não. A cor local tem a cor da estranheza de Camilo para com a festa, para com o país em si, tão diferente da civilidade do velho mundo. E mais, a pintura ali feita, e a própria natureza representada pela parasita é a natureza da sociedade. Não se trata mais de catálogos botânicos. Trata-se da botânica da vida.

Muito além da luta das paixões, do estudo dos sentimentos e caracteres, ou de qualquer outro fator moral, pudemos compreender que não se trata de avareza, ou da preguiça, ou de qualquer outro pecado capital, em *Entre Santos* o capital já sobrepujara a questão moral porque tomara conta de outros aspectos da vida, das relações dos homens entre si, e também com as coisas. O mesmo se repete no capítulo de *Dom Casmurro*, “Mil padre-nossos e Mil ave-marias”.

Para Lukács (2009), a figuração da ação é o único meio adequado para se representar a relação real do homem com a sociedade e a natureza. Nesse, sentido, não só a “consciência que o homem tem dessas relações, mas o próprio ser que é fundamento desta consciência, em sua conexão dialética com essa última” (LUKÁCS, 2009, p.205). O autor justifica que somente quando o homem age em conexão com o ser social é que se expressa sua verdadeira essência, saiba ele ou não disso, independentemente das falsas representações que ele tenha feito dessa conexão.

Na perspectiva do que coloca Lukács em sua análise sobre o Romance como epopeia burguesa, compreendemos que a expressão da realidade nas obras aqui estudadas surgiram da ação dos personagens enquanto indivíduos pertencentes a um contexto social e histórico, mas não em um nível superficial, mas muito mais em nível do ser e sua relação dialética com o agir. Daí, tão sofrida indecisão do Sales em relação a obter a cura de sua mulher e lançar mão de uma perna de cera.

Logo, Machado se coloca entre aqueles que conseguem captar a realidade, mesmo em condições mais adversas a compreendê-la, como é o caso do

desenvolvimento do liberalismo no Brasil do século XIX. Sobre a engenhosidade empregada nesses contextos, Lukács afirma:

A fantasia poética do narrador consiste precisamente em inventar uma história e uma situação nas quais se expresse ativamente esta “essência” do homem, ou seja, o elemento típico do seu ser social. Através deste talento inventivo, que pressupõe naturalmente uma profunda e concreta penetração nos problemas sociais, os grandes narradores podem criar uma representação global de sua sociedade, a partir da qual – como diz Engels e Balzac – é possível, “mesmo no que respeita aos pormenores econômicos”, aprender mais do que “em todos os livros de historiadores, economistas e profissionais da estética da época”. (LUKÁCS, 2009, pp.205-206)

Enquanto Machado de Assis se aproxima dessa estética, se destaca entre a estética que era produzida em sua época, como bem vimos em sua própria crítica *Instinto de Nacionalidade*. Ressalta-se, de acordo com Lukács (2009), que a ação que configura a estética, assim como o seu conteúdo e sua forma são determinados pelo grau de desenvolvimento da economia e da luta de classes no momento em questão.

O problema da forma, conforme explica o autor, consiste em superar a hostilidade do material com que o romancista trabalha. Nesse sentido, percebemos que tanto *Entre Santos* como *A parasita Azul* são desenvolvidos a partir da ação que condensa as contradições de cada personagem. Assim, as ações de Camilo são o corpo do que socialmente ele significa, bem como as de Leandro Soares, que quando tem a oportunidade de agir conforme já havia anunciado, e exigia seu temperamento – matar qualquer um que se colocasse entre Isabel e ele – age da maneira oposta, fazendo um acordo político e amigável com seu rival, o que lhe garante seu lugar naquela sociedade. A oração feita por Sales de Entre Santos ganha significado na medida em que mediatiza as relações sociais e humanas, dessa forma, ainda com fulcro no que diz Lukács (2009, p.211), ela configura um momento da ação romanesca.

Cada personagem dos contos estudados, em sua ação, tipificam um modelo ou uma classe social. Lukács evidencia que a ação é “a unidade entre o homem e a forma de manifestação das contradições que determinam o seu destino” (2009, p. 211). Assim sendo:

O personagem é típico não porque é a média estatística das propriedades individuais de um certo estrato de pessoas, mas porque nele – em seu caráter e em seu destino – manifestam-se as características objetivas historicamente típicas de sua classe, e tais características se expressam,

ao mesmo tempo, como forças objetivas e como seu próprio destino individual. (LUKÁCS, 2009, p. 211)

Com base nessa citação, e como forma de concluir o conteúdo exposto neste trabalho, observamos que as contradições da sociedade brasileira do século XIX, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento do liberalismo nessa sociedade estamental, que vivia de uma economia agrária e escravocrata que se via cada vez mais dependente do capitalismo, tomaram forma através das ações colocadas em cada conto aqui estudado. Cumpriram-se no destino de cada personagem as características historicamente típicas de sua classe.

“O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Essas são palavras de Machado de Assis, ainda em *Instinto de Nacionalidade*, e delas nos apropriamos para dar conta do que significou as obras aqui tratadas. Elas dão conta do Brasil, porém não só do tempo em que viveu seu autor, mas por constituírem a história da literatura enquanto espelho da realidade, dão conta de boa parte da realidade contemporânea desse país, e fazem de Machado um homem do nosso tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO, Luciano. **Entre a moeda e o milagre: uma leitura semiótica do conto “Entre santos” de Machado de Assis**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/viewFile/69534/72116>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 62–68. Acesso em 20/04/2014.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis. O enigma do olhar**. São Paulo, Ática, 1999, p.79.

ASSIS, Machado de. Entre Santos. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994a, vol. II. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn005.pdf>. Acesso em: 01/04/2014

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994b, vol. II. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf>. Acesso em: 25/05/2014

ASSIS, Machado de. A Parasita Azul. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994c, vol. II. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn002.pdf>. Acesso em: 01/04/2014

ASSIS, Machado de. **Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade**. In: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente em O Novo Mundo, 24/03/1873. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/critica/mact25.pdf>. Acesso em: 20/05/2014

AUERBACH, Erick. **Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental**. 2^oed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Realismo e Realidade** (Via Marcel Proust). In: **Recortes**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis _ in: **Vários Escritos**. 3^a ed. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 9^o ed., 2006.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis. **Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor**: genealogia, dinheiro e literatura no conto “A parasita a azul”, de Machado de Assis. . 6º Colóquio Internacional Marx e Engels, Unicamp, Campinas – SP, 2009. Disponível em:

http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/dessa-terra-e-desse-estrume-e-que-nasceu-esta-flor-genealo.pdf. Acesso: 20/04/2014

FLORESTAN, Fernandes. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2º ed., 1976.

FONSÊCA, Deane. **Uma aventura extraordinária: a forma estética moderna do conto machadiano e a forma do dinheiro no Brasil dos oitocentos**. Deane Maria Fonsêca de Castro e Costa (Professora da Universidade de Brasília –UnB). 6º Colóquio Internacional Marx e Engels, Unicamp, Campinas – SP, 2009. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/uma-aventura-extraordinaria-a-forma-estetica-moderna-do-co.pdf. Acesso em: 08/05/2014

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 3º ed., 1983.

GLEDSON, John. Machado de Assis e a Crise dos Quarenta Anos. In: **Machado de Assis em linha**, ano 4, número 8, dezembro 2011. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero08/num08artigo02.pdf>. Acesso em 29/05/2014

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Bomtempo, 2004.

VILAR, Bluma Waddington. **Um caloteiro devoto: a contabilidade moral em Dom Casmurro**. In : João Cezar de Castro Rocha (org.), *À roda de Machado de Assis* . Chapecó, Argos, 2006, p. 178-229.